

**FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO DE CYSNEIROS FOR THE ARCHIVO MEDICO BRASILEIRO DE
MEDICINA, CIRURGIA E SCIENCIAS ACCESSORIAS, 1845
(THE CASE OF PÁO PEREIRA)**

**FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO DE CYSNEIROS PARA O ARCHIVO MEDICO BRASILEIRO DE
MEDICINA, CIRURGIA E SCIENCIAS ACCESSORIAS, 1845 (O CASO DO PÁO PEREIRA)**

Joelmir Marques da Silva

Biólogo/Doutorando em Desenvolvimento Urbano/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE
Bolsista CAPES e CNPq (Doutorado Sanduíche)

Joelmir_marques@hotmail.com

Amaro Bezerra de Lima Filho

Tecnólogo em Radiologia/Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Pernambuco (IFPE)

amarolimafilho@hotmail.com

Demetrius Rodrigues de Freitas Ferreira

Sociólogo/Doutorando em Sociologia/Universidade Federal de Pernambuco/UFPE.

demetriusrodrigues@gmail.com

ABSTRACT

This paper gives publicity to the article written by the physician and naturalist Francisco Freire Allemão de Cysneiros - present in Tomo II of the *Archivo Medico Brasileiro de Medicina, Cirurgia e Sciencias Accessorias de 1845* -, referring to a research carried out with the *Geissospermum vellosii* (pau-pereira). In the study, Freire Allemão talks about the medical potentiality, the phytochemical components, the geographical distribution, as well as the taxonomic classification and morphological description of the species. The document is rare in nature, with only one copy available in the National Library Foundation and it is something of great importance regarding research on the history of science and health.

Keywords: *Geissospermum vellosii*. Taxonomy. Medicine. Phytochemical.

RESUMO

O presente trabalho dá publicidade ao artigo escrito pelo médico e naturalista Francisco Freire Allemão de Cysneiros - presente no Tomo II do *Archivo Medico Brasileiro de Medicina, Cirurgia e Sciencias Accessorias de 1845* -, referente às pesquisas desenvolvidas com a espécie *Geissospermum vellosii* (pau-pereira). No estudo, Freire Allemão discorre sobre a potencialidade medicinal, os componentes fitoquímicos, a distribuição geográfica, bem como a classificação taxonômica e descrição morfológica da espécie. O documento é de natureza rara, existindo apenas um exemplar localizado na Fundação Biblioteca Nacional e configura-se de grande relevância para a pesquisa sobre a história das ciências e da saúde.

Palavras-chave: *Geissospermum vellosii*. Taxonomia. Medicina. Fitoquímica.

A BIT OF HISTORY, THE WAY TO INTRODUCION

Graduated in medicine from the School of Anatomy, Surgery and Medicine of Rio de Janeiro (later the Academy of Medical-Surgical from Court) in 1828, Francisco Freire Allemão Cysneiros (1797-1874),

Recebido em: 07/04/2015

Aceito para publicação em: 14/04/2016

better known as Freire Allemão, obtained his doctorate from the Medicine College of Paris, where in 1831 he defended a thesis about the goitre.

In the year 1832 he joined in the Medicine Society of Rio de Janeiro (now National Academy of Rio de Janeiro) as a full member, and in the third quarter of the same year obtained the president chair, a fact that also occurred in the years 1838/1839. In 1833, by a Royal Charter, He taught the disciplines of Medical Botany and Zoology Elementary Principles of the Medicine School of Rio de Janeiro.

In an act signed by the Marquis of Inhomirim on March 28th, 1840, He was appointed as a physician of the Imperial Chamber and later confirmed by Dom Pedro II on July 23th of the same year (Motta-Maia, 1937). According Melquiades Paiva, the appointment was made by chance, since taking the Emperor ill and not finding a doctor on call, Freire Allemão was located in the Medical School and called to provide "medical care to real patients" (1995, p. 54).

The botanical studies of Freire Allemão first became public in 1844, which brought the description of botanical genders and new botanical species and also approached new research related to biology and the use of plants in medicine. Retired from the Medicine School of Rio de Janeiro, was recalled and appointed by Councillor Francis Jerome Coelho, then Minister of War, by the act on April 20th, 1858 to the disciplines of Botany and Zoology at the Central School (ancient Military Academy) as a result invitation that made him Emperor (Paiva, 1995). In 1866, Freire Allemão was appointed director of the National Museum of Rio de Janeiro and was ahead until the year of his death.

Among the works of Freire Allemão, in this article we emphasize the study about the pau-pereira, one of the first to be signed on November 18th, 1845 and published in the 'Archivo Medico Brasileiro' on December 1845 (see the transcript of the document below). It indicates the revision of the taxonomic classification, description dendrological variations of the popular name, the medical use and chemical analysis of the pau-pereira bark.

The pau-pereira has too many classifications, one of that was made by Frei José Mariano da Conceição Velloso and referenced on 'Flora Fluminensis' that considers it like *Tabernæmontana lævis* (Apocynaceae). Just about the same time, Spanish pharmacists and botanists Hipólito Ruiz López and José Antonio Pavón y Jiménez, responsible for four volumes of 'Flora Peruviana et Chilensis', placed in the gender *Vallesia* (Apocynaceae). This latter classification was followed by Major Carlos Augusto Taunay and by the German botanist Ludwig Riedel, author of the Botanical part in *Manual do Agricultor Brasileiro* in 1839. According to Ferreirinha (1884) that only occurred because they had not analyzed the fruit previously. On the other hand, the Bavarian botanist Carl Friedrich Philipp von Martius, main author of 'Flora brasiliensis', placed these three into gender *Picramnia* (Simaroubaceae). Faced with this situation and based on the arrangement seeds, Freire Allemão classified as a *Geissospermum vellosii* in honor of Frei Velloso.

Martius has long been interested on the pau-pereira and requested information about the species to Allemão Freire, who through recent discoveries, insisted on December 20th, 1845 to send a letter reporting the publication of their findings to Martius.

Em 3 de junho dêste ano recebi uma carta de Vossa senhoria datada de 17 de dezembro do ano passado; como desejava acompanhar a minha resposta com alguns exemplares das plantas, que eu estou publicando aqui no Rio de Janeiro, por isso a tenho demorado até hoje; e se não fosse estar de viagem para fora da cidade, hoje mesmo, ainda a demorava por alguns dias, para lhe remeter a descrição do pau-pereira de que se está atualmente imprimindo o texto, mas para remediar essa falta acompanhará o desenho uma pequena nota; assim como faço a respeito do maririçó, de uma planta de Arruda (Manuel Arruda [da Câmara], e da seguiera alliacea (guararema).

Minha tenção, publicando estas plantas (à custa de muito trabalho, e dinheiro) é consultar sobre elas o juízo dos sábios europeus, ao mesmo tempo que me vou exercitando, para depois fazer uma edição mais completa das que forem reconhecidas por novas; e nesse caso pretendo recorrer à proteção de Sua Majestade o Imperador.

De todas elas o desenho é feito por mim à vista da planta fresca, assim como a descrição; e enfim as três estampas últimas, as do pau-pereira, do maririçó, e a da Azeredia de Arruda, foram litografadas por mim, porque para gravar cada desenho me levam 25 mil-réis (...).

Do pau-pereira sinto muito não estar concluída a impressão do texto; vai o desenho acompanhado de algumas notas; e o texto irá para o ano com os outros; também achei que devia formar um género novo (In Damasceno e Cunha, 1961. Sic. Emphasis added).

About the questions that present difficulties to find popular names of plants, Freire Allemão reports that situation was getting worse further because no one knew how to use such plants, and in the case of pau-pereira reports: “*Eu porém me inclino a ver nelle a corrupção de um vocabulo indigena. Com efeito temos os nomes Pereirana, Pereiba, e mais claramente ainda pereiora, palavra que (segundo Martius, Mat. Med. Bras.) quer dizer casca preciosa*” (1845, p.77).

With respect to the use pau-pereira in medicine Freire Allemão took advantage of the information published on *Revista Medica* in the years 1836, 1837 e 1838, that showed the application of this plant to cure intermittent fevers, even if empirically, and emphasizes that: “*Foi o Sr. Ezequiel Corrêa dos Santos o que primeiro a empreendeu, e obteve um principio alcaloide, a que deu o nome de pereirinha*” (1845, p. 78).

However, when dealing with the chemical analysis of the pau-pereira barks, Freire Allemão (1845, p. 78) refers to the finds of Dr. Henri Plaff, German, professor of analytical chemistry, and pharmaceutical hamburguez Behrend Goss (see transcription of the document). But, these results first appeared in a note published in the *Revista Medica Fluminense* in 1840, titled “*Analyse da casca do pão-pereira, pelo Dr. Behrend, Pharmaceutico Hamburguez. Extraido dos annaes de medicina de Schmidl. Leipzig 1839, vol. 24, fol. 2.º pg. 156, pelo Dr. Lallemand.*” (p. 45).

In the plenary session of the 48th General Session of the Imperial Academy of Medicine, occurred on March 26th 1840 and published in *Revista Medica Fluminense* in 1840, Ezequiel Correia dos Santos, father, asked and obtained the word to inform the College about their work with the bark of pau-pereira and the active principle extracted, from it the Pereirina. In his report, it is clear that Ezekiel has long been working with pau-pereira and had not completed the work, until that moment, because he hoped that the committee would ask him to give his opinion on a principle extracted from the same bark by the other pharmaceutical on the Court, presented the judgment. However, he was told at that time by Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, that had arrived at Rio de Janeiro one written by a German where “*vem a analyse de mesma casca, e de hum principio d’ella extraido, também com o nome de Pereirina*” (p. 78).

However, in 1886 the ‘Instituto Imperial Fluminense de Agricultura’ published on *Revista Agricola* (1886, pp. 205- 211) on section ‘Chimica Analytica’ the analysis of the extract from the bark of pau-pereira. However, it says that “*O Sr. Ezequiel, farmacêutico brasileiro, se ocupou também do alcaloide do pau pereira, infelizmente não sei em que parte ele publicou os seus resultados obtidos*”, and it says that the first news “*sobre elle são de Goss (Pharm. Central. 1839, pg. 610) e de Peretti (annali med. Chirurg. di Roma, tom. I fasc. III) que dizem que a pereirina é uma alcaloide febrífuga e mais nada*).

On July 29th, 1846 Allemão Freire insisted to divulge, with what he called "European wise men" findings on the pau-pereira and forwards a letter accompanied by descriptions and stamps to the doctor and French botanist Achille Richard. They were also part of its network of naturalists, not because the of initiative of Freire Allemão, but by foreigners who requested information on the Brazilian species, the Italian botanist Giovanni di Brignoli Dè Brunnhoff, German zoologist Johann Baptist von Spix, the painter Thomas Ender the naturalist Rochus (Roque) Schuch and French traveler and naturalist Augustin François César Prouvençal Saint-Hilaire.

During his career as a botanist, Freire Allemão gave the scientific community new botanical genders and species: 15 genders described (Stellfeld, 1948) and 50 species of Brazilian flora (Gama, 1875). Today, their descriptions can be largely found in synonymy because of the copyrights of publication, however, it is configured as a collection of great scientific importance, especially when considering the variables (time and place), in which He developed his botanical studies.

Because of the importance that Francisco Freire Allemão Cysneiros had to botany, be it pure or applied to medical science at a level a national or international we set out to make public his findings about pau-pereira, published in the ‘Arquivo Medico Brasileiro de Medicina, Cirurgia e Sciencias Accessorias’ on December 1845 and thus keep alive the memory of this renown Brazilian doctor and naturalist, once it is known the existence of only one copy of this magazine so far, located in the National Library Foundation. The transcript faithfully follows the spelling of the epoch.

[Pg. 73]

Tomo II

Dezembro de 1845

N. 4

ARCHIVO MEDICO BRASILEIRO
GAZETA MENSAL
DE MEDICINA, CIRURGIA, E SCIENCIAS ACCESSORIAS

O Archivo Medico Brasileiro publica-se todos os mezes; consta cada numero de 24 paginas ou 48 colunas.

Sómente subscreve-se por anno pela quantia de 8\$ rs. para a Còrte, e 10 \$ rs. para as Provincias, pagos adiantados.

SCIENCIAS ACCESSORIAS

BOTANICA
APOCYNEA.

GEISSOSPERMO DE VELLOSO. (GEN. NOV.)

Tabernæmontana lævis. Vell. Flor. Flum.

Vallesia. Riedel. Man. do Agr

Dei a este genero o nome de Geissospermo, tirando-o da disposição das sementes.

NOMES VULGARES.

PÁO PEREIRA.

Páo forquilha.

Páo de pente.

Camará de bilro.

Camará do mato.

Canudo amargoso, et.

Arvore de grande altura; casca grossa, profunda, e irregularmente gretada, na parte suberosa,

[Pg. 74]

que tem algumas linhas de espessura; o liber consta de grande numero de folhas, que se separam sem muita dificuldade, e tem uma còr de ochre amarela; perfazendo tudo a grossura de 4 a 5 linhas, isto é, na casca dos troncos antigos, sendo nos novos mais delgada, e menos gretada; é humida, e não lactescente: nas extremidades porém dos ramos novos ha uma seiva leitosa; dotada de um amargor sem mistura de adstringência apreciavel.

Ramos tortuosos, copados; raminhos dichotomos, (raras vezes trichotomos) com as divisões espalmadas horizontalmente, longos, flexiveis, cobertos de um tomento pardo, caduco.

Folhas alternas, patentes, e distichadas nos ramos por causa da direção horizontal destes, que por isso tomam a apparencia de palmas: pecíolo curto, de 2 a 3 linhas, sub-caniculado: limbo oval-lanceolado, de 2 a 3 pollegadas de comprimento sobre 1 a 1 1/2 de largo; agudo na base, na ponta

longamente acuminado; margem inteira, ondeada; membranoso, sub-coriáceo, lustroso, glabo, conservando apenas alguns restos dos pelos, que o cobrem abundantemente nos renovos; penninerveo, nervuras pouco prominentes nas duas faces.

Sem estipulas.

Flores pequenas, de cor parda, sem cheiro; reunidas em racimos extraxillares, muito mais pequenos que as folhas.

Pedunculo anguloso, mais, ou menos dividido: divisões curtas, cada uma munida de uma bráctea aguda, caduca; tudo coberto de pelos deitados assetinados de uma cor cinzenta escura, um tanto bronzeadas.

Calyx monossépalo, persistente, sem glandulas: tubo curtissimo; limbo 5 = partido; lacínias agudas erectas, muito mais curtas, que o tubo da corolla, um pouco sobre-postas lateralmente no botão: tudo coberto por fóra dos mesmos pelos do pedunculo.

[Pg. 75]

Corolla hypocraterifórme, herbáceo-coriácea, toda coberta por fora dos mesmos pelos do calyx: tubo sub-5-anguloso, um pouco turgido no meio; limbo 5-lobado; lobos oblongos, obtusos, no botão imbricados lateralmente, *dextrorsos*, e um pouco espiraes; fauce contrahida.

Estames 5, alternos, inclusos: filete mui curtos, munidos na porção livre de alguns pelos raros, dirigidos para cima, e na porção aderente á corolla de pelos mais numerosos, brancos, e dirigidos para baixo; antenas conniventes, abarcando os estigmas, e situadas no bojo da corolla, sub-basifixas, introrsas, emarginadas na base, no apice acuminadas, com duas cellulas que se abrem por fendas, e contém um pollen granuloso: são glabras, e de cor amarela.

Nectarios nullos.

Ovarios coadunados, pilosos, unicellulares; óvulos bisseriados: estyletes conjunctos, apresentando por baixo dos estigmas um engrossamento fusiforme e bisulcado: estigmas terminaes, mui pequenos.

De ordinario só uma, ou duas flores chegam á frutificar: e de cada uma resultam dois frutos (raras vezes um, por aborto) carnosos, ovaes, acuminados, divergentes, afastando-se um do outro em sentido opposto até ficarem horisontaes; tendo na parte superior, e ventral um sulco, quasi apagado, que indica a sutura da carpela; em quanto verdes estão cobertos de pelos cinzentos, luzidios, depois de maduros são glabros, e amarelos.

Pericarpo carnudo, indehiscente (?) mui lactescente: trophosperma sutural, do qual provém duas laminas carnosas-fibrosas, que descendo unidas até a parte opposta, ou dorsal da cellula, fórma um falso septo, que a divide em dois compartimentos: sementes peltadas lenticulares, irregularmente oblongas, ou arredondadas; dispostas em duas filas de 4 a 5, raras vezes mais, de cada lado dos falsos septos, sobre os quaes estão apli-

[Pg. 76]

cadadas, e imbricadas de modo que a primeira e inferior cobre metade da segunda, esta metade da terceira, e assim por diante; na face e dorso apresentam depressões que resultam do mutuo contacto; envolvidas n'uma polpa branda, fibrosa, succulenta, não lactescente: episperma glabo, pallido, formado de duas membranas, a exterior chartacea, a interior tênue: embrião coberto por um endosperma de consistencia sub-cornea; cotyledones planos, foliáceos, cordifórmes; gêmula mui pequena; radícula recta, obtusa, e dirigida para a ponta do fruto.

Esta arvore cresce nas matas virgens; sempre as tenho encontrado a mais de 1000 pés de altura, (*) nas montanhas da *Tejuca*, da *Estrella*, e do *Gerecinò*. Floresce de Agosto a Setembro, e tem fruto de Janeiro a Fevereiro.

Reflexões sobre o Genero

Velloso havia collocado esta planta no gen. *Tabernaemontana*; o Sr. Riedel não tendo tido occasião de a estudar em todos os seus detalhes a tinha considerado como uma *Vallezia*; com effeito, as folhas

alternas, a inflorescencia extraxillar, algumas caracteres da flor lhe dão a maior analogia com as Vallezias: a estrutura porém do fruto a separa inteiramente desse gênero. Um pericarpo carnoso, lactescente, indehiscente; (todas as frutas que pude ver já bem maduras nem um indício davam de abrirem-se) a ausencia de um endocarpo fibroso; a polpa succulenta, que enche a célula; as sementes peltadas, lenticulares, bisseriadas, imbricadas; um embryão endospérmico, com raiz superior; a corolla herbacea; as folhas alternas; a inflorescencia extraxillar, são caracteres, que não se acham reunidos em nem-um dos generos até aqui descriptos. Por isso me snimei a propor um Genero Novo, cujo caracter principal deduzi do arrançamento das sementes. Quanto á especie entendi ser de rigorosa justiça que Ella fizesse lembrar o nome de Velloso, sendo elle o primeiro que tratou desta planta, reconhecendo-a por especie nova, a que chamou Tabern. Læ vis. Como tal vem no Prodomus de Del. Vol.8, não sem algum reparo do Sr. Alf de Candolle, que altribue a erro do pintor os caracteres não proprios desse genero, que apresenta estampa, a qual elle acha pessima, sendo no entanto uma das menos imperfeitas da obra de Velloso, " an errore pictoris folia alterna? Ex icone pessima omnes partes glabræ " diz elle.

O nome especifico de Velloso – læ vis- não o conservei por não convir á planta.

(*) Velloso diz: -nascit ad alpium flumentium.

[Pg. 77]

ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE AS DIFICULDADES EM QUE ESTAMOS PARA ACHAR OS VERDADEIROS NOMES INDIGENAS DAS NOSSAS PLANTAS

Grande numero de vegetaes não attrahindo a attenção dos Aborigenes por lhes não conhecerem uso algum especial permaneceu sem nome; dos que elles appellidaram nem todos os nomes passaram aos novos povoadores. Ora é probabilíssimo que a muitos destes se tem depois aplicado, por algumas semelhanças mais ou menos remotas, nomes indígenas com impropriedade. Eis-aqui pois uma primeira difficuldade: os nomes que se dão hoje a muitos vegetaes, foram empregados pelos selvagens?

Vivendo os indigenas em bandos, ou tribus, sem nexa entre si, e muitas vezes em discórdias, e guerras hereditárias; servindo-se de línguas, ou dialectos differentes; e designando as coisas nem sempre por suas propriedades, mas ás vezes pelos usos que dellas faziam, era necessario resultado ter a mesma coisa nome particular em cada lugar, ou vice verso o mesmo nome ter sido usado por nos grave em respeito á botanica, que é a confusão da nomenclatura indigena das plantas, e madeiras do Brasil, de sorte que o que se diz n'uma Provincia não póde muitas vezes ser entendido em outra. Em fim vem augmentar ainda os embaraços a corrupção com que muitos vocábulos da língua selvagem tem chegado á nós.

É tempo ainda de remediar este mal em grande parte, em quanto andam comnosco alguns restos dessa malfadada raça. Nem é este um objecto, que deva ser desprezado. A harmonia dos sons da lingua indigena; suas radicaes curtas, cheias de priiyiva energia, e que se prestam a combinações, quase como idioma dos Gregos, nos devem convidar ao seu estudo; quando não fosse para conservar as tradições primevas do Paiz; ao menos para restaurarmos, para revestirmos da sua original louçana os termos geographicos, e os dos productos naturaes da Terra.

Se assim houvéramos procedido sempre, não veríamos o Ubatan chamando-se Gonsalo Alves: a cachoeira de Paulo Affonso teria conservado seu nome selvagem, que talvez não fosse menos euphonico que o de Niagara; eyc., etc.

SOBRE OS NOMES VULGARES DO PAO PEREIRA

Os nomes de páo forquilha, páo pente lhe foram dados o primeiro em rasão da dichotomia dos ramos, e o segundo pela disposição horisontal das folhas. O nome indigena camará o julgo impropriamente applicado; por quanto esta palavra entre os selvagens indica planta de folhas ásperas, como são algumas Cordias e Lantanias. O de páo pereira com que é conhecido no Rio de Janeiro pessam algumas pessoas que lhe foi dado por ser algum sugeito desse nome que o fez conhecido. Eu porém me inclino a ver nelle a corrupção de um vocabulo indigena. Com effeito temos os nomes Pereirana, Pereiba, e mais claramente ainda Pereiora, palavra que (segundo Martius, Mat. Med. Bras.) quer dizer casca preciosa. A semelhança do vocabulo com ligeira alteração, e sua

significação tornam muito provável a minha suposição, que ainda é reforçada sabendo-se que os selvagens conheciam suas propriedades medicas.

Velloso na Flora Fluminense não lhe dá nome vulgar, nem falla de seus usos.

[Pg. 78]

Uso Medico

A casca desta arvore é um precioso tonico antifebril: e bem que não possa ser equiparada á da quina, ella póde substitui-la em muitos casos, e alguns factos temos de febres intermitentes, que havendo resistido ás preparações da quina cederam ás do páo pereira (Rev. Med. do Rio de Janeiro n.º 2, 1833). Em fim ella póde ainda ter applicações muito especiaes.

Foi pelo anno de 1836 que se começou a fazer uso desta casca na Cidade do Rio de Janeiro. « Conhecido, e empregado pelos Indios, e algumas pessoas do campo, foi esta casca ultimamente dada, e inculcada pelo Sr. Antonio Muniz de Souza a varios Facultativos, que não tardaram a reconhecer sua real efficacia no tratamento das febres intermitentes.» (Rev. Med. n.º 11, 1838) É sabido que foi o Dr. Joaquim José da Silva, cujo zelo, e affeição particular pela materia medica indigena é bem conhecido, um dos primeiros Medicos que fizeram ensaios sobre este medicamento. O Dr. Valladão o seguio empregando o no Hopital da Misericordia (Rev. Med., Maio de 1837). Seu emprego tornou-se depois geral.

Por esse tempo usava-se internamente em cosimento; e externamente em banhos, proveitosos nas crianças e pessoas debeis.

Era desejada a sua analyse, e separação do principio activo. Foi o Sr. Ezequiel Corrèa dos Santos o que primeiro a emprehendeu, e obteve um principio alcaloide, a que deu o nome de pereirina.

Eis-aqui o processo por meio do qual elle chegou a esse resultado.

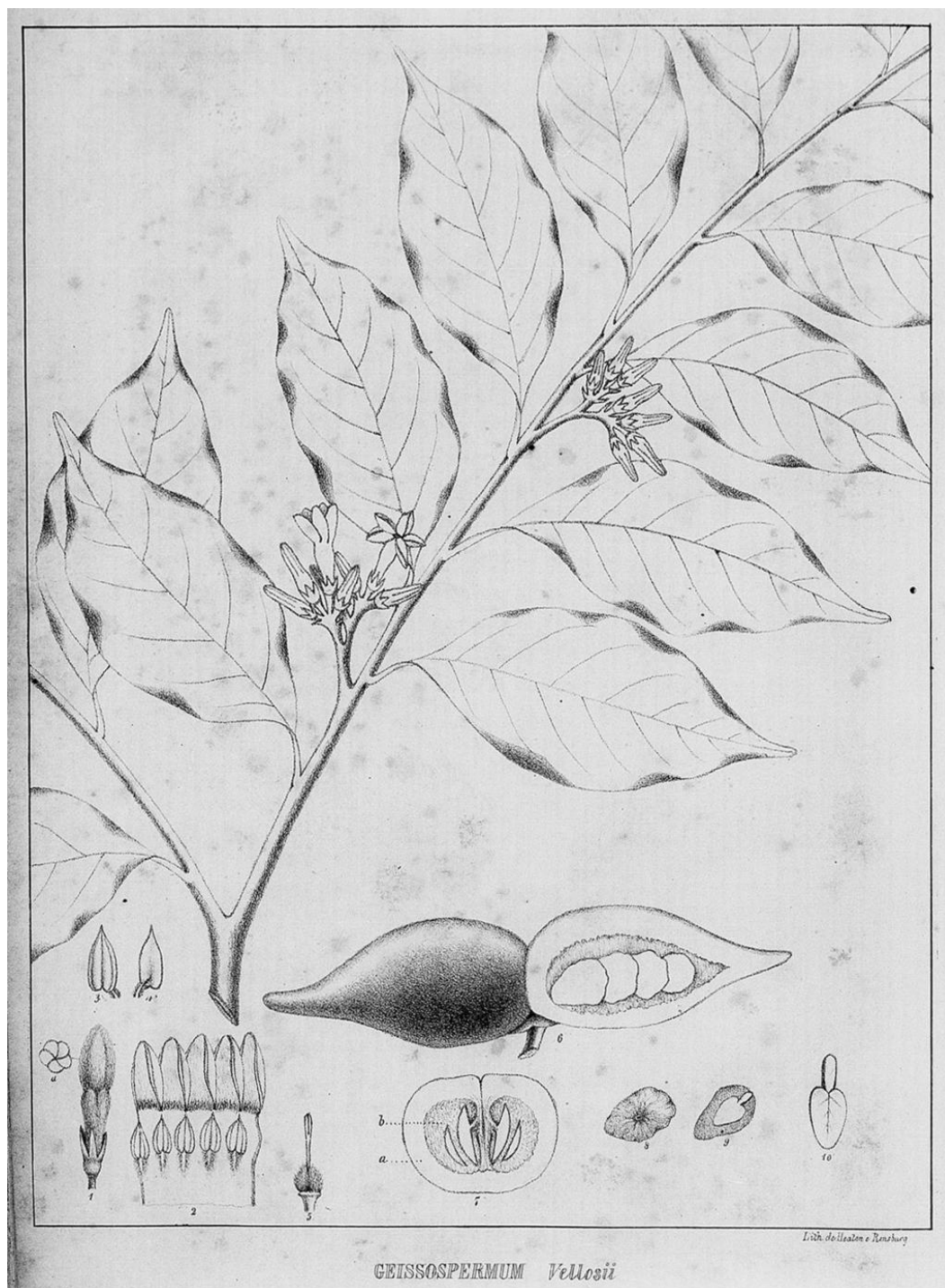
Fazem-se, diz elle, repetidas infusões aquosas da casca do Póa Pereira; reduzem-se estas pela evaporação a um pequeno volume; lança-se-lhe ammoniaco caustico até não dar mais precipitado; separa-se este liquido por meio da filtração; lava-se, e se dissolve em agua convenientemente acidulada pelo acido sulfurico; expõe-se esta dissolução a ferver por algum tempo com carvão animal, filtra-se, e sobre o liquido filtrado lança-se uma solução fraca, e bem limpa de hydrato de potassa, que combinando-se com o acido sulfurico precipita o principio activo, que a elle estava unido. É este precipitado depois de bem lavado e secco que eu chamo pereirina. (Rev. Med. n.º 11, 1838.)

Debaixo de varias fórmulas foi a *Pereirina* empregada, com optimo resultado, nos casos de febres intermitentes. (Rev. Med. de Março e de Abril de 1838.)

RESULTADO DA ANALYSE DO PAO PEREIRA PELOS SRs. PLAFF, E BEHRENDE GOOS, PHARMACEUTICO HAMBURGUEZ, A QUEM O DR. LALLEMANT, QUE EXENCE A MEDICINA NO RIO DE JANEIRO, ENVIU PORÇÃO DE CASCA:

Um alcalóide (pereirina) (*) de còr parda amarella, que não apresente cristaes, não se dissolve n'agua; mas é solúvel no ether morno, no alcool, e nos acidos. – Uma substancia extractiva resinosa, e amarga, que se dissolve em alcool, mas não na agua, nem no ether. – Uma gemma. – Pequena quantidade de amido. – Um acido vegetal unido ao alcali da casca. – As cinzas da casca continham as seguintes bases salinas: Potassa. – Cal. – Magnesia. – Ferro oxydado. – Cobre oxydado. – A mesma cinza continha os seguintes acidos: Acido sulfúrico. – Muriatico. – Phosphorico. – Carbonico, e Silicio. (Formulario do Dr. Chernoviz.)

(*) o Sr. Behvene julga que a pereirina do Sr. Ezequiel é o verdadeiro alcalóide misturado com a substancia vegetal extractiva amarga, resinosa. (Chern. form.)



[Pg. 79]

O Pão Pereira encontra-se tambem nas flerestas da Bahia, de Minas, e do EspiritoSento. (Matus Mat.Med. Bras.)

Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1845. – Francisco Freire Allemão.

EXPLICAÇÃO DA ESTAMPA.

- Ramo – (do tamanho natural.)
- Fig. 1 Botão, (angmentado).
- a Prefloração.
 - 2 Corolla, aberta.
 - 3 Eslame, de frente.
 - 4 Idem, de costa.
 - 5 Pistillo.
 - 6 Frutos. (tamanho natural)
Um aberto longitudinalmente.
 - 7 Outro cortado transversamente.
a Pericarpo.
b Polpa.
 - 8 Semente, mostrando o hilo.
 - 9 Endosperma, aberto, mostrando o embrião.
 - 10 Embrião, (aug.)

EXPLICAÇÃO ICONIS.

- Ramos. (magnitudinis naturalis)
- 1 Flos, sub authæsi. (auctus)
 - a Æstivatio.
 - 2 Corolla, aperta.
 - 3 Stamen, facie visum.
 - 4 Idem, dorso visum.
 - 5 Pistillum.
 - 6 Fructi. (magn.nat.)
Cellula unius logitudinaliter incisa.
 - 7 fruetus, transversaliter divisus.
a Pericarpium
b Pulpa.
 - 8 Semen, hilum exhibens.
 - 9 Endospermium apertum, embryonem ostendens.
 - 10 Embryo, (auctus)

REFERENCES

- ACADEMIA IMPERIAL DE MEDICINA. 48ª sessão geral em 26 de maio de 1840. **Revista Fluminense de Medicina**, Rio de Janeiro, v.26, n. 2, 1840, pp. 76-80.
- ALMEIDA, M.R.; LIMA, J.A., SANTOS, N.P.; PINTO, A. C. Pereirina: o primeiro alcalóide isolado no Brasil. **Ciência hoje**, v. 40, n. 240, p. 26-31, 2007.
- DAMASCENO, D.; CUNHA, V. **Os manuscritos do botânico Freire Alemão**. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional. 1961.
- FERREIRINHA, J. **Indicações e contra-indicações da pereirina e seus saes nas manifestações agudas da malária**. (Tese) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1884.
- GAMA, J.S. Biographia e apreciação dos trabalhos do botânico brasileiro Francisco Freire Allemão. **Rev. Trim. Inst. Hist. Geogr. Ethn. Brasil**, Rio de Janeiro, v.38, n.2, p.51-126. 1996.
- LABORATORIO DE CHIMICA DO IMPERIAL INSTITUTO FLUMINENSE DE AGRICULTURA. Sobre o alcaloide do páo pereira. **Revista Agricola do Instituto Fluminense de Agricultura**, v. 17, n. [s/n], 1886, pp. 205-211.
- LALLEMAND, C.F. Analyse da casca do páo pereira, pelo Dr. Behernnd, Pharmaceutico Hamburguez. Extraido dos annaes de medicina de Schmidt. Leipzig 1839, vol. 24, fol. 2.º pg. 156. **Revista Medica Fluminense**, Rio de Janeiro, n. 1, ano, 6, 1840, pp. 45-46.
- LOPES, M.M. **O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX**. São Paulo: Editora Hucitec/Editora UnB. 2009.
- MOTTA-MAIA, M.A.V. **O Conde da Motta Maia**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves. 1937.
- PAIVA, M.P. Os naturalistas e o Ceará: III - Francisco Freire Allemão (1797-1874). **Revista do Instituto do Ceará**, Rio de Janeiro, v.[s/v], n. [s/n], p.51-88. 1995.
- SILVA, J.J. A **Elephantiasis dos gregos**. Tese (Doutorado) - Faculdade de Medicina, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1847.
- STELLFELD, C. **Sesquicentenário natalício de Freire Allemão**. Museu Paranaense/Publicações Avulsas, Curitiba, v.[s/v], n.5, p.3-19. 1947.